

Exmo Sr. Presidente da Assembleia Municipal

Exmo. Sra. Presidente da Assembleia e restantes membros da mesa;

Exmo. Sr. Presidente do Executivo desta União de Freguesias e respetivos membros;

Caros eleitos;

Exmos Convidados;

Exmos. funcionários da junta;

Exmos. fregueses aqui presentes;

Minhas Sras. e meus Srs.,

“(…) como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados socialistas, os estados capitalistas e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos”. Estas foram as últimas palavras de Salgueiro Maia às suas tropas antes da partida rumo a Lisboa na madrugada de 25 de abril de 74.

Celebramos, aqui, mais um aniversário da Revolução dos cravos, celebramos os 44 anos que vivemos em liberdade, recordamos um dos momentos de maior coragem e ação cidadã que a nossa pátria já conheceu.

Após anos de obscuridade, os portugueses encontraram nesse dia, uma nesga de luz que lhes dava esperança num mundo melhor, sem medos nem limitações. O medo dava, assim, lugar à alegria e a uma força contida durante anos por um “colete-de-forças”. Um colete-de-forças invisível que limitava a todos os níveis o indivíduo e o coletivo. De uma só vez, nada podíamos e tudo acontecia. No entanto, e como todos sabemos, o 25 de abril não se passou num único dia!

Foi no dia 25 de abril que muitos se insurgiram puxados por uma força inexplicável e que finalmente retirou a venda que tapava os olhos dos portugueses, permitindo que se abrissem ao mundo e à Europa. Com a revolução da nossa sociedade, Portugal conseguiu sair do marasmo que o puxava para o atraso natural de um país sem futuro, para um país aberto ao

mundo e ao que o rodeava, tal como já tinha sido no passado. Este dia permitiu igualmente ligarmo-nos à Europa e à identidade europeia.

O povo português tem uma história de conquista e aventura, que nos permitiu descobrir metade do nosso planeta, senão quase a sua totalidade. Fomos nós que demos a conhecer à Europa novas culturas, desde o Japão, Índia, África e Américas. Tínhamos uma força inesgotável que permitiu muitos dos nossos navegadores chegarem além dos mares. Foi também essa força, que ainda pulsa dentro de nós, que nos permitiu libertar das velhas amarras e lembrar que Portugal é um país aberto ao mundo que o rodeia e não virado para si próprio.

Esta força imensa permitiu a libertação do povo. No lugar das balas que são disparadas habitualmente nas revoluções, apareceram... flores. Os cravos vermelhos, substituíram as munições que representam a mágoa que os portugueses sentiam durante os anos de guerra e sofrimento.

Foi no início do “Processo Revolucionário em Curso” que, da iniciativa de Francisco Sá Carneiro, Pinto Balsemão e Magalhães Mota, foi fundado o PPD/PSD, o primeiro e único partido social-democrata de Portugal. Os pilares da social-democracia, representados pelas setas do nosso símbolo, são: a liberdade, a igualdade, justiça social e solidariedade. O PPD/PSD assume as especificidades que o caracterizam como partido de raiz eminentemente portuguesa, personalista, de forte pendor nacional, com valores e princípios claros, permeável à criatividade e à imaginação. Aberto à inovação e à mudança, valoriza o liberalismo político e a livre iniciativa caracterizadora de uma economia aberta de mercado. Dialogante, plural, empenhado na construção europeia, que valoriza o humanismo. Não confessional, interclassista, que aposta no reconhecimento do mérito e na capacidade de afirmação pessoal e social. São

estes valores que nos regem e que nos levam a lutar por um país mais livre, igualitário, justo e solidário. Somos um partido de referência na democracia portuguesa e, em quem muitos portugueses confiam. Sabemos quais as nossas responsabilidades e sabemos corrigir as desigualdades, mesmo quando são outros a causá-las. Fomos muitas vezes chamados a dirigir o país e aceitámos o desafio mesmo nos piores momentos. E tornaremos a fazê-lo assim o povo o queira e a necessidade o exija. Soubemo-nos renovar, mesmo quando ceifavam prematuramente a vida de um dos maiores democratas do nosso tempo e fundador do nosso partido, Francisco Sá Carneiro.

Os cravos, de que vos falei há pouco, são um bom exemplo de como o moralismo ideológico, quase sobranceiro, nos pode cegar e nos faz esquecer o óbvio. Estes não são marca registada ou propriedade intelectual deste ou daquele partido. A Revolução foi feita com os portugueses e para todos os portugueses, não apenas para alguns. Embora alguns se comportem como donos da revolução e da democracia, são estes que mais a ameaçam. Porque a liberdade, se tivesse dono, não era liberdade, era uma ditadura.

Queremos que o futuro do país não fique refém de ideologias e que quem tem responsabilidade não deixe resvalar novamente o país para uma economia sem futuro. A aplicação de políticas contracíclicas tem sido feita da pior forma, colocando em causa as reformas estruturais dos últimos anos. Nunca a carga fiscal foi tão elevada e há muito que o investimento não era tão baixo. As medidas tomadas têm levado ao aumento de distorções na economia, colocando entraves ao crescimento económico, com políticas sem visão no longo prazo. Não queremos voltar à estaca zero e deitar abaixo aquilo que o governo anterior tanto se esforçou para conquistar, depois de anos de despesismo sem controlo. Que nunca ninguém se esqueça que é do bolso e do

esforço do trabalho de cada português que sai cada cêntimo do que o Estado gasta. O Estado somos todos nós que trabalhamos e contribuímos! Apesar de tudo, queremos acreditar que o esforço dos portugueses não foi em vão.

Damos a democracia como algo de garantido, mas basta olharmos em redor para nos apercebermos que, nos dias de hoje, estamos cada vez mais longe dessa suposta verdade. Com as grandes potências a virarem as costas ao mundo, a colocarem em causa o comportamento da economia global e o funcionamento do mercado regulado; com as grandes crises sociais, económicas, políticas e humanitárias, como as da Síria, Myanmar, Líbano, entre outros, que colocam em causa a liberdade destes povos, há muito que o mundo não estava tão ameaçado e assolado com tantos problemas, com diferentes causas, consequências e efeitos, difíceis de prever.

Na sequência das últimas eleições autárquicas, o povo teve coragem de mudar e verificou-se uma alteração significativa na composição dos órgãos políticos e executivos. Com base naquilo que o povo ordenou, encaramos o futuro com uma esperança reforçada em como podemos viver abril em outubro, novembro e todos os outros meses.

Tenhamos sempre presente que quando assistimos à deterioração dos serviços prestados às populações no setor da saúde, quando hoje questionamos a importância da cultura por via da sua desorçamentação, quando os idosos têm cada vez mais dificuldade em levantar as suas pensões, fruto de uma vida de trabalho árduo e suor, sem apresentar qualquer tipo de alternativas, estamos a desonrar a nossa memória coletiva, estamos a desonrar abril.

Porque o Povo é cada um de nós. Povo somos nós!

Meus Sras. e minhas Srs.: VIVA ABRIL, VIVA PORTUGAL